

editorial

É com grande prazer que trazemos a público o nono número de *Cadernos de Campo*, neste ano em que a Revista, editada pelos alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, completa uma década de existência.

Neste momento, de comemoração de conquistas passadas e de reflexão sobre o futuro, não faltam inovações. Por um lado, há que mencionar nosso novo projeto gráfico, mais ajustado às dificuldades financeiras que a Revista – tal como outras da área – enfrenta atualmente. Por outro lado, apresentamos aos leitores uma nova seção, espaço aberto para que alunos e professores soltem sua criatividade, lançando mão de recursos outros que não apenas aqueles que o texto acadêmico oferece. Já que o que importa, nesta seção, é a inspiração – fugaz por definição –, optamos por não dar um nome fixo ao espaço, rebatizando-a, ao contrário, a cada número.

É importante assinalar que inovações editoriais como essas não teriam sentido, neste décimo ano de existência de *Cadernos de Campo*, se não coexistissem com características já “tradicionais” da Revista, que foram se firmando ao longo dos últimos dez anos. Também este número congrega artigos e pesquisas que se situam em eixos variados da Antropologia Social: a etnologia indígena, a antropologia rural, a urbana, a jurídica, as relações com o corpo. Explorando interfaces específicas da disciplina, cada um dos textos

acaba por apontar, à sua maneira, limites e potencialidades da reflexão antropológica no Brasil, nesta virada de século e de milênio.

O já costumeiro espaço de “Entrevista” pertence desta vez a Lux Vidal, com quem tivemos o privilégio de conversar longamente a respeito de vida e arte, nesse ano que marca o seu 70º aniversário. Dotada de enorme sensibilidade, a antropóloga concordou em inaugurar a nova seção da Revista com reproduções fotográficas de alguns artefatos dos povos indígenas do Oiapoque, no Amapá. Neste sentido, optamos por denominar o novo espaço de “Arte da Vida”, citação de Berta Ribeiro presente em vários artigos nos quais Lux aborda os fundamentos antropológicos da estética indígena.

Outra seção que persiste no tempo, a de “Tradução”, abriga, neste número, precisamente uma discussão sobre o tempo na Antropologia; ou melhor, sobre os problemas e soluções que a História oferece à disciplina antropológica. Quem lança as bases para o debate é Marshall Sahlins, que nos autorizou a traduzir a “Introdução” e a “Conclusão” de seu *Historical Metaphors and Mythical Realities*, pequeno e pioneiro livro que em 2001 também fará aniversário: 20 anos desde o primeiro lançamento. Como bem aponta Lilia Moritz Schwarcz em sua apresentação ao texto, trata-se de um momento em que o autor, “pela primeira vez, enfrentou esse tipo de ter-

reno pantanoso e interdisciplinar”, que é a “Antropologia Histórica”.

Se o “velho” e o “novo” conseguem conviver tão bem, neste momento em que *Cadernos de Campo* comemora o seu estatuto de maioria, isso se deve ao fato de que as novas gerações de editores têm se esforçado para adaptar a Revista aos novos tempos sem perder de vista a importância de manter viva a identidade de um projeto editorial cujas bases foram lançadas há dez anos, num Editorial como este. O objetivo era – e continua sendo – “criar um espaço de discussão intelectual e integração acadêmica” que tornasse “possível uma maior comunicação e intercâmbio dentro do próprio programa e com outras áreas afins”. Nesse momento tão importante, só não é possível festejar mais porque está

ausente alguém absolutamente fundamental para que possamos, hoje, comemorar dez anos de existência de *Cadernos de Campo*. Gostaríamos de registrar aqui o nosso profundo pesar pelo falecimento de Aracy Lopes da Silva. Admiradora incondicional da Revista, ela sempre apoiou, com o seu otimismo contagiante, o esforço das mais diversas gerações de alunos que se empenharam pelo empreendimento. Há três anos, inclusive, tivemos a honra de poder contar com o belo texto de “Apresentação” que Aracy escreveu para o número 5-6.

Por tudo isso – e certamente por muito mais –, queremos dedicar este número de *Cadernos de Campo* a ela, em memória à excepcional antropóloga, professora e orientadora que foi – e continuará sendo.